

## OS QUARENTA

Era uma vez um país chamado China. O país era muito rico em ouro e diamantes, mas estava a atravessar uma grave crise económica. Havia muito poucos empregos disponíveis e os que existiam eram mal pagos. O único trabalho que era bem pago era o trabalho de mineiro, que envolvia muitos riscos, mas tinham que ser corridos se os habitantes quisessem ter o que comer.

Luidzi, um jovem mineiro de 28 anos, que integrava um grupo de quarenta homens, levantou-se bem cedo para apanhar o autocarro que conduzia às Minas, o qual percorria cinco aldeias pelas estradas empoeiradas do deserto Gobi, na região norte da República Popular da China e região sul da Mongólia, em direção à montanha Ricouro (chamada assim pela elevada quantidade de ouro existente no seu interior).

O autocarro chegou aos elevados portões, com rede e arame farpado à volta, o condutor confirmou com o segurança o código e aquele permitiu a entrada do autocarro.

Logo que o porteiro abriu os portões, destacaram-se largos camiões cheios de pedra vinda do interior da montanha Ricouro, entulho cheio de minerais que refletiam os raios de sol escaldantes do deserto.

O autocarro parou em frente de um grande edifício de dois andares onde se situava a residência do proprietário e gestor da Mina. Era também naquele edifício que se encontrava um Museu que albergava a maior pepita de ouro encontrada em todo o tempo de funcionamento – há mais de cento e cinquenta anos.

Luidzi e os outros trinta e nove mineiros apresentaram-se ao chefe e, em seguida, encaminharam-se para a entrada da Mina. Antes, passaram por uma vasta área onde se situava uma espécie de estaleiro com divisões em madeira dentro da qual Luidzi escolheu o material. Também aí, na parte de baixo, se situavam os balneários onde se vestiu.

Depois de se vestirem, saíram para o passadiço onde uma carrinha muito comprida, apetrechada com assentos pouco confortáveis, os conduziria até às profundezas, no coração do monte.

A deslocação correu bem, sem imprevistos, até ao andar quarenta, o penúltimo da Mina, onde era difícil respirar, porém era algo que toleravam, pois entendiam como uma consequência implícita ao ganhar razoavelmente bem.

Naquele trajeto também foi o chefe dos Quarenta, o grupo de mineiros. Todos tomaram consciência de que aquilo seria algo a repetir todos os dias da semana – seria a sua rotina diária.

Numa certa manhã de agosto, Luidzi e os colegas, mal chegaram, imaginaram o pior – um estrondo fê-los pensar num tremor de terra. Foi feita uma inspeção à Mina e encontrada uma fenda no seu teto. O chefe do grupo foi à superfície falar com o responsável da Mina mas este, um ser ganancioso e frio que apenas pautava a sua vida por dinheiro, entendeu desvalorizar a situação.

Dois dias mais tarde, quando os mineiros já estavam a trabalhar, houve um ligeiro abalo e sentiu-se uma agitação na estrutura da qual uma pedra enorme se despegava ameaçando cair do teto. Como a qualquer momento seria efetiva a queda do teto, a saída fechar-se-ia. Então, decidiram, no desespero, ir para as profundezas da Mina, no último andar, e entraram na câmara de segurança.

Acabados os tremores, os Quarenta saíram da câmara de segurança e verificaram que o teto estava a desabar – não aguentaria nem um mês – cairia, tragicamente, sobre eles. Afigurou-se-lhes o pior – ficarem ali presos e, mais grave, não terem comida nem bebida para se aguentarem caso se confirmasse a suspeita...

E confirmou-se, pois, uma semana mais tarde, já em meados de setembro, tendo os trabalhadores *mergulhado* no interior da Mina para cumprirem mais um dia de trabalho, o teto desabou rolando sobre eles a tal pedra ameaçadora.

Juraram manter a calma e pôr a cabeça a funcionar. Com as camisolas interiores, filtraram um regato de água que corria ali ao lado, nos poucos túneis que restavam, e asseguraram a água. Depois, tentaram contabilizar as latas de atum e as barras de cereais energéticas que tinham – tudo era pouco. Bateram em canos, estouraram bombinhas, mas ninguém os ouvia.

Enquanto isso, os familiares e amigos dos mineiros, tendo tomado conhecimento da ocorrência, juntaram-se à porta da Mina, aflitos e indignados, pedindo equipas de resgate.

O chefe da Mina, que era ganancioso, apontava já as poucas probabilidades de eles sobreviverem dando a entender que não avançaria qualquer soma para efetivar um resgate.

Polícia, instituições dos direitos humanos, comissões de proteção e meios de comunicação social marcaram presença afincada e a atitude mudou tendo sido iniciados os procedimentos de resgate: máquinas perfuradoras para um dos tipos de pedra mais duro; guias escavadoras, tuneladoras, várias tentativas para chegar à profundidade devida, mas muitos entraves também, coisas que corriam mal, entradas que ficavam ao lado e nada de chegar aos Quarenta “retidos”.

Geólogos, engenheiros e outros técnicos efetuaram novos cálculos e mudaram estratégias. Era muita pressão.

Conseguiram, enfim, chegar a eles só tinham que arranjar forma de os tirar de lá. A angústia ia aumentando até ao dia em que a vinda de uma cápsula própria para descer a grande profundidade, munida com duas aberturas laterais para resgate de dois mineiros de cada vez, surgiu.

Todos saíram e o último foi o Luidzi. Debilitados, sujos e descompensados emocionalmente, reencontraram as famílias e foram conduzidos ao Hospital para avaliarem o seu estado de saúde.

De uma coisa estavam certos – eram mineiros, sê-lo-iam sempre, porém naquela empresa nem pagos a ouro.